

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo Class.: 602

Data: 13.08.75 Pg.: _____

**A dor dos kaingang, na
ESP - 13.8.75
carta da índia a Geisel**

Da Sucursal de
PORTO ALEGRE

Em carta enviada ontem ao presidente Geisel, a índia Andila Inácio, monitora bilingue da tribo kaingang e que atualmente trabalha no posto indígena de Guarita, no município de Tenente Portela, denunciou os problemas existentes nas reservas indígenas do Rio Grande do Sul e revelou o seu desapontamento pela não observação do prazo estipulado para a retirada dos colonos e intrusos de suas terras, expirado no último dia 31 de julho.

Na longa carta — enviada também ao jornal "Folha da Manhã", de Porto Alegre, para publicação —, Andila diz que "enquanto o mundo todo grita "paz, amor e compreensão", o meu povo continua sofrendo as penurias de um mundo retnoto, tão bem conhecido por vossa excelência".

"Não seria por entender apenas a língua materna", continua Andila, "que meu povo não compreenderia estes gritos de paz, amor e compreensão. Tenho certeza que meu povo entenderia como entendeu a mensagem de paciência que agora chega aos limites, como chegaria a de qualquer povo, fosse qual fosse o estágio de civiliza-

ção". Andila diz que, comparando a extensão das reservas em que vive com a extensão dos oito mil quilômetros quadrados que já lhe pertenceu, "o sangue de meu povo não pode mais ser contido nas veias, pois nossa terra está sendo usurpada por brancos anarquistas e destruidores, fantasiados de agricultores mas com espírito de vandalos".

Andila fala também que, para os brancos, a invasão das terras indígenas significa apenas um problema jurídico e que "para nós é uma ferida que nos atinge no mais alto dos sentimentos fazendo-nos diminuídos, oprimidos. Nossas noites transformaram-se em vigílias, na esperança de ver no amanhecer nossas terras abandonadas pelos brancos e, no entardecer, vemos mais um dia de desilusão, quando então muitos encontram conformismo no alcool".

Depois de alertar que "dirigimo-nos a vossa Excelência não para recebermos mais palavras de conforto e de esperança, mas para vermos solucionadas nossas angustias" e lembrando que sua atitude não tem sentido de coação ou revide "e sim o espírito de termos a consciência tranquila e a serenidade para olhar bem no fundo dos olhos de nossos filhos", Andila Inácio adverte: "Sei que somos uma minoria e, além disso, temos poucas condições de lutar, se preciso for, contra as armas. Mas pre-

ferimos lutar contra as armas que cospem fogo e contra o aço branco que rasga a carne, provocando o delírio final, e ver o sangue dos nossos filhos derramado sobre "nossa terra" do que vê-los encurralados e arrancados deste último sustentáculo da vida".

NENHUMA PROVIDENCIA

Até ontem o grupo de trabalho que estuda a situação dos kaingang, formado por funcionários do INCRA, do governo gaúcho e da Funai não chegou a adotar nenhuma providência concreta sobre a remoção dos colonos das terras indígenas. Ao contrário, solicitou dilatação do prazo para apresentar suas conclusões.

Há indícios, no entanto, de que o problema não será solucionado rapidamente, já que o INCRA catalogou 1.520 famílias que ocupam aquelas terras e, como explica Frederico Durr, coordenador regional do órgão, para que o governo do Estado e a Funai iniciem um projeto dessa envergadura, "é necessário que consigam recursos especiais, pois as verbas de 1976 já estão destinadas".